**Augusto dos Anjos**

1. **Eterna Mágoa**

O homem por sobre quem caiu a praga  
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste  
Para todos os séculos existe  
E nunca mais o seu pesar se apaga!   
Não crê em nada, pois, nada há que traga   
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.   
Quer resistir, e quanto mais resiste   
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.    
Sabe que sofre, mas o que não sabe   
É que essa mágoa infinda assim, não cabe   
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme;   
E quando esse homem se transforma em verme   
É essa mágoa que o acompanha ainda!

**2) Psicologia de um Vencido**

Eu, filho do carbono e do amoníaco,   
Monstro de escuridão e rutilância,   
Sofro, desde a epigênese da infância,   
A influência má dos signos do zodíaco.   
Produndissimamente hipocondríaco,   
Este ambiente me causa repugnância...   
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia   
Que se escapa da boca de um cardíaco.    
Já o verme -- este operário das ruínas --   
Que o sangue podre das carnificinas   
Come, e à vida em geral declara guerra,    
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,   
E há de deixar-me apenas os cabelos,   
Na frialdade inorgânica da terra!

**3) Versos Íntimos**

Vês! Ninguém assistiu ao formidável   
Enterro de sua última quimera.   
Somente a Ingratidão – esta pantera –   
Foi tua companheira inseparável!   
Acostuma-te à lama que te espera!   
O homem, que, nesta terra miserável,   
Mora, entre feras, sente inevitável   
Necessidade de também ser fera.    
Toma um fósforo. Acende teu cigarro!   
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,   
A mão que afaga é a mesma que apedreja.    
Se alguém causa inda pena a tua chaga,   
Apedreja essa mão vil que te afaga,   
Escarra nessa boca que te beija!

**4) O Morcego**

 Meia-noite, ao meu quarto me recolho.   
Meu Deus ! E este morcego! E, agora, vede:   
Na bruta ardência orgânica da sede,   
Morde-me a goela ígneo e escaldante molho   
” Vou mandar levantar outra parede …”   
- Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho   
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,   
Circularmente sobre minha rede    
Pego de um pau. Esforços faço. Chego   
A tocá-lo. Minh’alma se concentra.   
Que ventre produziu tão feio parto?!

A consciência humana é este morcego!   
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra   
Imperceptivelmente em nosso quarto.